Magalhães de Azeredo: Horas sagradas; *Mário de Alencar:* Versos

---

Texto-Fonte:
Obra Completa de Machado de Assis,
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994.

Publicado na *Gazeta de Notícias*, 07/12/1902.

Com o título *Horas Sagradas,* acaba de publicar Magalhães de Azeredo um livro de versos, que não só não desmentem dos versos anteriores, mais ainda se pode dizer que os vencem e mostram no talento do poeta um grau de perfeição crescente. Folgamos de o noticiar, ao mesmo tempo que outro livro, de Mário de Alencar, seu amigo, seu irmão de espírito e de tendência, de cultura e de ideal. Chama-se este outro simplesmente *Versos.*

Quiséramos fazer de ambos um demorado estudo. Não o podendo agora, lembramos só o que os nossos leitores sabem, isto é, que Magalhães de Azeredo, mais copioso e vasto, tem um nome feito, enquanto que Mário de Alencar, para honrar o de seu ilustre pai, começa a escrever o seu no livro das letras brasileiras, não às pressas, mas vagaroso, com a mão firme e pensativo, para não errar nem confundir.

Um ponto, além de outras afinidades, mostra o parentesco dos dois espíritos. Não é o amor da glória, que o primeiro canta, confessa e define, por tantas faces e origens, na última composição do livro, e o segundo não ousa dizer nem definir. Mas aí mesmo se unem. Porquanto, se Mário de Alencar confessa: "o autor é um incontentado do que faz" — e, aliás, já Voltaire dissera a mesma coisa de si: *"Je ne suis jamais content de mes vers",* Magalhães de Azeredo nas várias definições da glória, chega indiretamente a igual confissão, quando põe na perfeição a glória mais augusta, e cita os anônimos da Vênus de Milo e da *Imitação,* até exclamar como Fausto:

> E exclamar como Fausto em êxtase exclamara:
> Átomo fugitivo, és belo, és belo, pára!

Isto, que está no fim do livro de Magalhães de Azeredo, está também no princípio, quando ele abre mão das *Horas Sagradas.* Confessa que as guardou por largo tempo:

> Por largo tempo, neste ermo oculto
> Guardei-vos. Ide para o tumulto
> Das gentes. Quer-vos a sorte ali.
> Colhereis louros? Mas ah! que louros
> Os vossos gozos, que eu conheci?

E cá vieram as *Horas Sagradas,* título que tão bem assenta no livro. Elas são sagradas pelo sentimento e pela inspiração, pelo amor, pela arte, pela comemoração dos grandes mortos, pela nobreza do cidadão, da virtude e da história. A religião tem aqui também o seu lugar, como no coração do poeta. Tudo

é puro. No "Rosal de Amor", primeira parte do livro, não há flores apanhadas na rua ou abafadas na sala. Todas respiram o ar livre e limpo, e por vezes agreste. Um soneto, *Ad Purissimam,* mostra a castidade da musa, — uma das musas, devemos dizer, porque aqui está, nas estrofes "Mamãe", a outra das suas musas domésticas. É um basto rosal este a que não faltará porventura alguma flor triste, mas tão rara e tão graciosa ainda na tristeza, que mal nos dá essa sensação. A música dos versos faz esquecer a melancolia do sentido. "Matinal", "Ao Sol", "Crepuscular" dão o tom da vida universal e do amor, a terra fresca e o céu aberto.

Os Bronzes Florentinos é uma bela coleção de grandes nomes de Florença, e do mundo, páginas que (não importa a distância nem o desconhecimento da cidade para os que lá não foram), produzem na alma do leitor cá de longe uma vibração de arte nova e antiga a um tempo, ao lado do poeta, a acompanhá-lo:

> Através do Gentil e do Sublime.

Não quiséramos citar mais nada; seria preciso citar muito, transportar para fora do livro estrofes que desejam lá ficar, entre as que o poeta ligou na mesma e linda medalha. Mas como deixar de repetir este fecho de *bronze* de Dante:

> Quem, depois de sofrer o ódio profundo
> Da pátria, viu o inferno, e chorou tanto,
> Já não é criatura deste mundo.

E muitos outros deliciosos sonetos, fazendo passar ante os olhos Petrarca, Giotto, Leonardo da Vinci, Miguel Ângelo, Boccacio, Donatello, Frei Angélico, e tantos cujos nomes lá estão na igreja de Santa Cruz, onde o poeta entrou em dias caros às musas brasileiras. Cada figura traz a sua expressão nativa e histórica; aqui está Leão X, acabando na risada pontifícia; aqui Cellini, cinzelando o punhal com que é capaz de ferir; aqui Savonarola, a morrer queimado e sem gemer por esta razão de apóstolo:

> Ardia mais que as chamas a tua alma!

Não poderia transcrever uns sem outros, mas o último *bronze* dará conta dos primeiros: é Galileu Galilei:

> Lá na Torre do Galo, esguia e muda,
> Entre árvores vetustas escondida,
> No entardecer da trabalhada vida
> O potente ancião medita e estuda.
>
> Já nos olhos extinta é a luz aguda,
> Que os céus sondava em incessante lida:
> Mas inda a fronte curva e encanecida
> Pensamentos intrépidos escuda.
>
> Sorrindo agora das neqüícias feras,
> Que, por amor do ideal sofrido tinha,
> Ele a sentença das vindouras eras
>
> Invoca, e os seus triunfos adivinha,
> Ouvindo, entre a harmonia das esferas
> O compasso da Terra, que caminha.

Nem só Florença ocupa o nosso poeta, amigo de sua pátria. As "Odes Cívicas" dizem de nós ou da nossa língua. Magalhães de Azeredo é o primeiro que no-lo recorda, nos versos "Ao Brasil", por ocasião do centenário da descoberta. O centenário das Índias achou nele um cantor animado e alto. A ode "A Garrett"

exprime uma dessas adorações que a figura nobre e elegante do grande homem inspira a quem o leu e releu, por anos. Enfim, com o título "Alma Errante" vem a última parte do livro. Aqui variam os assuntos, desde a ode "As Águias ", em que tudo é movimento e grandeza, até quadros e pensamentos menores, outros tristes, uma saudade, um infortúnio social, um sonho, ou este delicioso soneto "Sobre um Quadro Antigo";

Os séculos em bruma lenta e escura
Te ocultam, vaga imagem feminina:
E cada ano, ao passar, tredo elimina
Mais um resto de tua formosura.

Apenas, no esbatido da pintura,
Algum tom claro, alguma linha fina,
Revelando-te a graça feminina,
Dizem que foste, ó frágil criatura...

Ah! como és! — és mais bela do que outrora.
Seduz-me esse ar distante, esse indeciso
Crepúsculo em que vives, me enamora.

O tempo um gozo intensamente doce
Pôs-te no exangue, pálido sorriso;
E o teu humano olhar divinizou-se...

Em resumo escasso, apenas indicações de passagens, tal é o livro de Magalhães de Azeredo, um dos primeiros escritores da nova geração. A perfeição e a inspiração crescem agora mais, repetimos. Ele, como os seus pares conjugam dois séculos, um que lá vai tão cheio e tão forte, outro que ora chega tão nutrido de esperanças, por mais que os problemas se agravem nele; mas, se não somos dos que crêem no fim do mal, não descremos da nobreza do esforço, e sobretudo das consolações da arte. Aqui está um espírito forte e hábil para no-las dar na nossa língua.

Faça o mesmo o seu amigo e irmão, Mário de Alencar, cujo livro, pequeno e leve, contém o que deixamos dito no princípio desta notícia. É outro que figurará entre os da geração que começou no último decênio. Particularmente, entre Mário de Alencar e Magalhães de Azeredo, além das afinidades indicadas, há o encontro de duas musas que os consolam e animam. O acerto da inspiração e a gemeidade da tendência levou-os a cantar a Grécia como se fazia nos tempos de Byron e de Hugo. A sobriedade é também um dos talentos de Mário de Alencar. Quando não há idéia, a sobriedade é apenas a falta de um recurso, e assim dois males juntos, porque a abundância e alguma vez o excesso suprem o resto. Mas não são idéias que lhe faltam; nem idéias, nem sensações, nem visões, como aquela "Marinha", que assim começa:

Sopra o terral. A noite é calma. Faz luar
Intercadente
Soa na praia molemente
A voz do mar.

As coisas dormem; dorme a terra, e no ar sereno
Nenhum ruído
Perturba o encanto recolhido
Do luar pleno.

Ampla mudez. A lua grande pelo céu
Sem nuvens vaga
E cobre o mar, vaga por vaga,
De um branco véu.

Longe, à mercê da branda aragem, vai passando
Parda falua.
Nas pandas velas bate a lua
De quando em quando...

Lede o resto no livro, onde achareis outras páginas a que voltareis, e vos farão esperar melhores, pedimos que em breve. Que ele sacuda de si esse entorpecimento, salvo se é apenas respeito ao seu grande nome; mas ainda assim o melhor respeito é a imitação. Tenha a confiança que deve em si mesmo. Sabe cantar os sentimentos doces sem banalidade, e os grandes motivos não o deixam frio nem resistente. Ainda ontem tivemos de ler o que Magalhães de Azeredo disse de Mário de Alencar, e dias antes dissera deste J. Veríssimo, nós assinamos as opiniões de um e de outro.